

## Interdisciplinaridade: um conhecimento construído nas fronteiras

Profa. Dra. Ecleide Cunico Furlanetto  
Universidade Cidade de São Paulo - UNICID  
ecleide@terra.com.br

**Resumo:** O artigo tem como objetivo discutir a Interdisciplinaridade com base em autores como Lenoir, Fourrez, Sachot, Santomé e Fazenda. Pode-se dizer que a tentativa de definir a Interdisciplinaridade como interação entre duas ou mais disciplinas, não é suficiente para explicitá-la. A Interdisciplinaridade apresenta inúmeras facetas que necessitam ser exploradas para que os sentidos atribuídos a ela possam ser compreendidos. A Interdisciplinaridade não se caracteriza como uma nova disciplina, mas como um conhecimento novo produzido não no centro dos territórios disciplinares, mas nas bordas, assumindo, dessa forma, características de conhecimento de fronteira.

**Palavras Chave:** Disciplina; Interdisciplinaridade; Fronteiras.

**Abstract:** The objective of this article is to discuss interdisciplinarity based on authors like Lenoir, Fourrez, Sachot Santomé and Fazenda. You could say that the attempt to define interdisciplinarity as interaction between two or more disciplines, is not sufficient to clarify it. Interdisciplinarity presents many facets that need to be explored for the senses that are assigned to it can be understood. Interdisciplinarity is not characterized as a new discipline, but as a new knowledge produced not in the center of the disciplinary territories, but at the edges, assuming thus frontier knowledge characteristics.

**Keywords:** Discipline; Interdisciplinarity; Borders.

As visões de natureza, sujeito, conhecimento e real, elaboradas na modernidade, já cumpriram seu papel criativo e estruturador e estão sendo revistas. Para Hall (1999), avanços na teoria social e nas ciências humanas provocados, sobretudo, pelo pensamento de Marx, Freud, Saussure, Foucault, o impacto de movimentos sociais, as revoltas estudantis, as lutas pelos direitos civis, os movimentos revolucionários e os movimentos pela paz tiveram um efeito desestabilizador sobre as idéias da modernidade, particularmente, na maneira de como o sujeito e sua relação com o real são pensados.

A subjetividade humana se reorganiza e outras maneiras de se perceber, de perceber o real se apresentam. A concepção de sujeito racional, centrado no eu, com uma identidade estática cede lugar para uma concepção de sujeito flexível, paradoxal em processo de recriação constante em consonância com o mundo atual permeado por crises de diversas ordens.

Encontramo-nos diante de um extraordinário momento: turbulência nas idéias e nas construções intelectuais, fusões de disciplinas, redistribuirão de domínios de saber, crescimento do sentimento profundo de incerteza, consciência cada vez mais forte, do sujeito humano estar implicado no conhecimento que produz.

Temos o sentimento acentuado da insuficiência dos velhos métodos científicos baseados na compartimentação, na fragmentação, na redução ao simples e ao lógico matemático. Temos o sentimento que algo envelheceu irremediavelmente nos métodos que conheceram o sucesso, mas que hoje não podem mais

responder ao desafio global - diversificado, multiplicado – da complexidade. (MORIN, 2003, p. 7)

Nesse novo contexto, aqueles que trabalham com Educação, são instigados a pensar em novas maneiras de produzir conhecimento que possibilitem explorar aspectos dos fenômenos educativos, até agora, abandonados pelo pensamento moderno. Para isso, é necessário estabelecer parcerias teórico-metodológicas que possibilitem construir novos olhares.

### **A abordagem interdisciplinar**

Entre as abordagens que ganham força a partir da década de 70, pode-se destacar a Interdisciplinar. O prefixo Inter desloca a Interdisciplinaridade do centro dos territórios disciplinares e a instala nas bordas. Ela está destinada a mover-se nas fronteiras de territórios estanques e separados procurando descobrir, brechas e permeabilidades no espaço do “entre” que permitam estabelecer novas relações.

Fourez (2001) ressalta que a tentativa apressada de compreender Interdisciplinaridade como interação entre duas ou mais disciplinas, não é suficiente para explicitá-la. A Interdisciplinaridade apresenta inúmeras facetas que necessitam ser exploradas para que os sentidos atribuídos a ela possam ser compreendidos. Para (LENOIR, 2001) ela pode ser comparada a uma esponja, que absorve, pouco a pouco, as substâncias que encontra, sua metamorfose constante, garante-lhe atualização, flexibilização e trânsito entre territórios estanques, no entanto ao assumir configurações distintas, não apresenta contornos definidos o que impede defini-la com precisão.

A consulta a diversos autores (LENOIR, 2001; FOURREZ, 2001; FAZENDA, 2003; SOMMERMAN, 2006) demonstra que a Interdisciplinaridade é uma noção recente na cultura ocidental. O questionamento social a respeito do papel desempenhado pela Ciência no mundo contemporâneo, a fragmentação do saber e o aumento de disciplinas científicas provocaram desconforto nos meios científicos no início do século XX e anunciaram a necessidade de haver reformulações na maneira como o conhecimento era produzido, organizado e disponibilizado. Pombo (2005) e Santomé (1998), ao analisarem a trajetória da Interdisciplinaridade, fazem referência a Ortega y Gasset que em 1930, sintonizado com o momento histórico, publicou *A Rebelião das Massas*, uma crítica contundente à fragmentação do conhecimento e à arrogância dos especialistas.

Os debates a respeito da Interdisciplinaridade, no entanto, se tornaram mais presentes na comunidade acadêmica, após a 2ª Guerra Mundial, frutos principalmente do impacto causado pela destruição de Hiroxima e Nagasaki e pela descoberta das atrocidades cometidas em campos de concentração. A Ciência Moderna, além da face criativa, revelou sua outra face: a destrutiva, urgia repensar o papel que a ela estava desempenhando no mundo contemporâneo. Além de promover o desenvolvimento tecnológico, era necessário que também se comprometesse com suas conseqüências. Para isso, as disciplinas científicas não poderiam ser mais territórios isolados, produtores de saberes incomunicáveis, guiados por regras e éticas próprias. Era necessária uma ligação mais explícita e coerente com o contexto e isso seria possível, caso houvesse diálogo entre as disciplinas científicas e entre elas e outras formas de conhecimento, como a Arte, Filosofia, Religião e Tradição.

Em 1968, os movimentos estudantis na França questionaram as maneiras de organização do Ensino Universitário Francês e também explicitaram a insatisfação com a fragmentação do conhecimento. Os questionamentos ganharam as ruas e

cobravam mudanças urgentes. Autores que se dedicam ao estudo e a pesquisa interdisciplinar, (FAZENDA, 1979; SANTOMÉ, 1998; SACHOT, 2001) salientam que a década de 70 foi um marco no desenvolvimento do pensamento interdisciplinar. Ele ganha força em um contexto que precisa rever suas bases de sustentação e para isso necessitava de novas referências teóricas.

Em 1970, foi publicado um documento pelo CERI – Centro de Pesquisa e Inovação do Ensino que continha a análise das atividades interdisciplinares de estudos e pesquisa das universidades. Esse documento procurou esclarecer as bases do diálogo entre as disciplinas científicas. Resultaram desse esforço, tentativas de conceituar Interdisciplinaridade e noções próximas como disciplina, multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade. Ainda nesse ano, ocorreu um seminário organizado pela OCDE (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico) e pelo Ministério da Educação Francês sobre Interdisciplinaridade nas universidades, do qual participaram especialistas de renome internacional tais como: Leo Apostel, Guy Berger, Guy Michaud, Marcel Boiset, Erich Jantsch, Jean Piaget e outros. Estes autores deram continuidade às tentativas anteriores.

Observa-se, no entanto, que apesar da preocupação em delinear os contornos da Interdisciplinaridade, os especialistas envolvidos na publicação do documento e no seminário acima citados, não chegaram a um consenso o que possibilitou o surgimento de inúmeras conceituações sobre Interdisciplinaridade e suas implicações para produção de um conhecimento científico capaz de atender às demandas sociais.

Santomé (1998) salienta que as disciplinas podem se agrupar por inúmeros critérios: disciplinas de orientação teórica ou prática; disciplinas de uma mesma área do conhecimento: humanas, exatas e biológicas e etc. Ao se tentar analisar as possíveis interações entre as disciplinas constata-se que não existe somente um tipo de interação e que os intercâmbios podem ser produzidos por inúmeros fatores. Entre eles podem ser destacados: espaciais, temporais, econômicos, demográficos, sociais, epistemológicos.

Sendo as relações entre as disciplinas de diferentes ordens, podem propiciar diferentes níveis de Interdisciplinaridade. Para exemplificar, pode-se retomar Santomé (1998) que refere-se a Boisot para quem há três formas de Interdisciplinaridade: a Linear na qual as leis de uma disciplina são tomadas para explicar fenômenos de outra; a Estrutural quando as interações entre as disciplinas favoreçam a criação de novas leis que possibilitam o surgimento de uma nova disciplina; a Restritiva, quando as disciplinas colaboram na resolução de um problema específico ou na consecução de um projeto e não são obrigatoriamente afetadas pelo novo conhecimento produzido.

O debate sobre Interdisciplinaridade iniciado no meio científico, segundo Lenoir, Geoffroy e Hasni (2001), ultrapassou seus muros e expandiu-se para outros contextos como o educacional, o profissional e o prático. Nesses cenários, emergiram questões que não se preocupavam somente com a integração das disciplinas, mas também com as consequências e os produtos dessa integração.

Este debate articulou-se com base em três eixos. O primeiro pode ser caracterizado como *uma interrogação epistemológica* que consistiu em dar continuidade à exploração das fronteiras das disciplinas científicas, procurando novas maneiras de organizar os saberes científicos. O segundo explicita-se como *um questionamento social* que ultrapassou a organização das disciplinas e colocou em pauta a maneira como o ser humano está no mundo. Nesse contexto, a integração dos saberes disciplinares é vista como uma contribuição para a maior compreensão e resolução dos problemas do mundo contemporâneo caracterizados pela sua extrema complexidade. O terceiro eixo, localiza-se uma *ligação com as atividades*

*profissionais cotidianas* que se refere às necessidades das Sociedades Industriais, e ao fenômeno da Globalização.

Lenoir (2001), com o intuito de ampliar as possibilidades de compreensão da Interdisciplinaridade, buscou analisá-la articulada aos contextos culturais nos quais ela tem se desenvolvido. Inicialmente, distinguiu duas lógicas que dão suporte a diferentes configurações. A primeira delas, fortemente marcada por preocupações críticas e epistemológicas, diz respeito aos países de língua francesa. Esta lógica está ancorada em uma concepção de sociedade e de Educação que prioriza o desenvolvimento da razão. Esta concepção resulta do desenvolvimento do pensamento racional iluminista a partir do qual o Estado Francês foi fundado. Importa, mais, questionar o sentido do saber do que discutir para que ele serve. Ela se traduz em uma *Interdisciplinaridade Acadêmica* que investiga o sentido que ela assume buscando uma síntese conceitual de Interdisciplinaridade.

A segunda concepção é mais pragmática e operacional, caracteriza a pesquisa interdisciplinar realizada na América do Norte de origem anglo-saxônica. A questão central não é o saber, mas a funcionalidade. Importa formar sujeitos que participem das atividades e do progresso social. Os valores religiosos puritanos evidenciam a importância do trabalho. Longe de considerar a Cultura e a Ciência um fim nelas mesmo, valoriza os conhecimentos que podem se tornar úteis. Exprime-se como uma *Interdisciplinaridade de Projetos* ao investigar respostas operacionais para as questões que emergem do contexto social.

Lenoir aponta, também, para uma terceira lógica, a brasileira que, segundo o autor, ainda necessita ser mais bem investigada. Considera que a concepção de Interdisciplinaridade hegemônica no Brasil aproxima-se de uma abordagem fenomenológica; busca compreender o sujeito imerso em práticas e experiências e os sentidos que elas adquirem para ele. O olhar dirige-se para a subjetividade e para a intersubjetividade. Caracteriza-se como uma *Interdisciplinaridade Introspectiva*. Investiga respostas para questões propostas pelos sujeitos.

É possível observar que nos países de língua francesa o debate e as pesquisas a respeito de Interdisciplinaridade comprometeram-se, preferencialmente, com a exploração das fronteiras das disciplinas e dos sentidos e conseqüências desse tipo de conhecimento, enquanto os países de língua inglesa dedicaram-se com explorar, sobretudo, os aspectos funcionais da Interdisciplinaridade. A Interdisciplinaridade desenvolvida no Brasil parece anunciar um quarto eixo que Lenoir denomina de Interdisciplinaridade Introspectiva que enfatiza o papel do sujeito na produção de conhecimento

Fourez (2001) permite olhar para a Interdisciplinaridade de outro lugar. Ele realça que para se compreender o papel que a Interdisciplinaridade assume na contemporaneidade é fundamental repensar a noção de disciplina, de saber disciplinar. Para o autor, a organização do saber em disciplinas é uma invenção cultural de grande importância, pode ser considerada a versão intelectual da divisão do trabalho. As disciplinas científicas distinguem-se como modos historicamente organizados de produzir representações do mundo e colocá-las a prova. Nasce quando uma comunidade científica se organiza em torno de projetos precisos e normatiza sua maneira de produzir e de comunicar os resultados.

Os conhecimentos produzidos no interior de uma disciplina científica, embora produzidos de maneira sistemática com base em princípios científicos, fazem parte dos conhecimentos representativos e, portanto são uma construção humana artificial que a despeito de terem por base o real, não se constituem no real. Uma disciplina científica olha para o real com lentes construídas, a partir de suas tradições, no interior de seus

territórios, o que a impede de abarcar a realidade levando em conta seu contexto e sua complexidade.

Uma abordagem interdisciplinar, por sua vez, procura construir sob medida uma perspectiva apropriada à singularidade da situação. Para isso, não rejeita os conhecimentos disciplinares especializados, pelo contrário, leva-os em conta e os articula para construir respostas específicas para cada situação. A esse movimento de reorganizar saberes disciplinares para adaptá-los a situações singulares, Fourez denomina de construção de *Ilhas de Racionalidade*. Essa construção é comum no cotidiano, recorre-se a ela para comprar um carro ou decidir para onde viajar nas férias. Menos comum, é pedir ajuda às disciplinas para compor essas Ilhas. Para o autor, essa postura será cada vez mais necessária, em nossa cultura, toda vez que desejarmos estudar a fundo alguma situação.

Nessa perspectiva, uma pesquisa interdisciplinar, ao contrário da disciplinar que coloca os problemas em função das disciplinas, encontra seus critérios de pertinência no contexto preciso da situação em questão. Ela não lida com as situações a partir de generalizações, construídas no contexto do paradigma disciplinar, mas procura estudá-las em sua singularidade.

### **A Interdisciplinaridade no Contexto Educacional Brasileiro**

Para que se possa situar a Interdisciplinaridade no contexto educacional, é fundamental uma distinção entre disciplina científica e escolar. Como foi salientado anteriormente, uma disciplina científica refere-se a um tipo de conhecimento sistematizado, com base em princípios científicos.

As disciplinas escolares, no que diz respeito, principalmente, ao Ensino Fundamental e Médio, não têm como objetivo primeiro produzir conhecimentos, mas sim de possibilitar que os alunos se apropriem do que Sacristán (2002) define como “cultura valiosa” da qual fazem parte os conhecimentos representativos produzidos pelas disciplinas científicas. Segundo Lenoir, (2004) a Interdisciplinaridade científica tem como objeto as disciplinas científicas e por finalidade: a produção de novos saberes em respostas às demandas sociais, enquanto a Interdisciplinaridade escolar tem como objeto as disciplinas escolares e por finalidade: a difusão do saberes produzidos pelas disciplinas científicas e a formação de atores sociais.

Ao se tentar mapear a Interdisciplinaridade no campo educacional, novamente são localizadas inúmeras perspectivas entre elas: a social, a científica e a técnica. Lenoir, Geoffroy, Hasni (2001), referem-se a autores como Morin que enfatiza a perspectiva social, Piaget que explora a perspectiva científica. Quanto à terceira perspectiva, a técnica, para os autores, é mais difícil vê-la conceituada, na medida em que se apresenta na maioria das vezes aplicada em Educação.

Lenoir (2001) procurou compreender como a Interdisciplinaridade se apresenta no Brasil em função disso, descreveu o que denominou de lógica brasileira a qual busca compreender o sujeito imerso em suas práticas e experiências e os sentidos que elas adquirem para ele. O diálogo com Fazenda (1994) permite aprofundar a compreensão do percurso realizado pela Interdisciplinaridade no contexto educacional brasileiro. Segundo a autora, ela passa a ser discutida com mais ênfase no território nacional, no final da década de 60. Na década de 70, encontramos as primeiras produções significativas a respeito do tema. Podemos destacar Japiassu (1976) e Fazenda (1979). Os dois autores dedicaram-se, preferencialmente, à conceituação de Interdisciplinaridade. Fazenda refere-se a este período como a *busca de uma explicitação filosófica*.

Na década de 80, segundo Fazenda (1994) constatou-se que com base em quadros teóricos organizados a priori era quase impossível propor práticas interdisciplinares. Ações apoiadas somente em princípios teóricos não atendiam às necessidades dos contextos educacionais, a realidade resistia a modelos pré-concebidos. As práticas que apresentavam algumas características consideradas interdisciplinares passaram a ser investigadas e foi possível ter maior clareza de como os professores articulavam os saberes disciplinares, pedagógicos e experienciais para tecer suas ações pedagógicas. Nesta década, procurou-se traçar o perfil de um professor com uma atitude interdisciplinar, levando em conta os registros feitos por professores, as análises de suas histórias de vida e de suas práticas intuitivas. Este período foi considerado pela autora como a *busca de uma diretriz sociológica*.

Na década de 90, Fazenda (1994) salienta que a proliferação de práticas intuitivas e de projetos interdisciplinares desafiou os pesquisadores a explicitar o caminho percorrido pela Interdisciplinaridade na escola, buscando extrair desses projetos e práticas, princípios teóricos fundamentais para a compreensão e o exercício da Interdisciplinaridade. Neste período, buscou-se *uma diretriz antropológica*.

### **Em direção às fronteiras**

Como foi salientado, a Interdisciplinaridade não se caracteriza como uma nova disciplina, mas como um conhecimento novo produzido não no centro dos territórios disciplinares, mas nas bordas, assumindo, dessa forma, características de conhecimento de fronteira.

A fronteira inicialmente compreendida com linha divisória e estanque que interrompe e separa pode assumir sentidos que ampliam sua compreensão.

Ao observarmos um mapa, podemos perceber que ela constitui uma linha divisória que delimita o fim de um espaço e o início de outro. No entanto, essa mesma linha, ao promover a separação, favorece também o surgimento da identidade. Tomemos como exemplo um lago, o que nos permite identificá-lo? Ao procurar responder essa questão, descobriremos a importância das margens que, ao limitarem as águas, estarão também propiciando o reconhecimento do lago. Assim, como o lago é definido por suas margens, os indivíduos e o conhecimento organizado em disciplinas também o são. As margens que os fazem únicos, diversos e separados dos outros. (FURLANETTO, 1998, p. 37)

A fronteira ao separar cumpre papel fundamental na construção da identidade, se não houver separação e diferença, não existirá um sistema distinto de outros. (FURLANETTO, 2001) No entanto, ao se tornar rígida e impermeável impede a relação da parte com o todo evitando trocas e influências. Para que a comunicação não seja interrompida as fronteiras necessitam ser permeáveis como as membranas das células que contém, mas permitem a passagem de substâncias. A fronteira ao separar exerce paradoxalmente a função de incluir e excluir (SAIZ, 2000)

A Modernidade gestou a lógica disciplinar que fragmenta e construiu fronteiras estanques, protegidas que dificultam as relações com o outro, O homem moderno, evitou as margens e as bordas e lutou contra a ambigüidade. Partiu em busca da certeza, da ordem e procurou as definições claras. A Interdisciplinaridade requer uma nova subjetividade capaz de transitar no centro dos territórios, mas também de conviver nas fronteiras que acolhem o “outro” do intelecto moderno. *O outro do*

*intelecto moderno é a polissemia, a dissonância cognitiva, as definições polivalentes, a contingência, os significados superpostos no mundo das classificações e arquivos bem ordenados.* (BAUMAN, 1999, p. 16)

Ao dirigir-se para as fronteiras abandona-se o reino de Apolo. A Consciência Apolínea, comprometida com a regra, com a perfeição, com a certeza, com a maneira certa de fazer, cede lugar à consciência hermética, e mercurial. Inicia-se o transito pelos caminhos de Hermes, o mensageiro dos deuses, aquele que não possui nenhum território próprio, como Zeus, Poseidon e Hades, mas possibilita que os territórios se conectem. Hermes é aquele que liga que estabelece pontes, que constrói atalhos e possibilita o encontro e a reconciliação. O Mito de Hermes enfatiza a importância dos territórios estarem conectados e anuncia uma nova subjetividade capaz de transpor fronteiras.

Além da flexibilização das fronteiras existentes entre territórios e sujeitos, é necessário que fronteiras que se alojam no mundo interno dos sujeitos, também, sejam flexibilizadas. Ao dialogar com sua história, ao analisar suas maneiras de estar no mundo o sujeito pode descobrir dimensões ocultas de si mesmo, relegadas à sombra que ao serem integradas desencadeiam processos de expansão da consciência.

Saiz (2000) desdobra os sentidos de fronteira salientando que em seu entorno, surge uma região denominada de fronteira, caracterizada como um espaço “entre”, onde os contornos não estão definidos, as regras não ficam claras, e os diferentes se encontram e descobrem maneiras de se articular e conviver. Um espaço, assim concebido, favorece o surgimento do novo e da transgressão. A fronteira denota um estado, enquanto a região fronteira remete à mobilidade, à ação à instabilidade e à confraternização.

As regiões fronteiriças apresentam-se como um terceiro espaço, um campo de força que não representa a soma de dois territórios, mas seu encontro e as possibilidades dele decorrente. Nessa região que assume vida e regras próprias, o inusitado e o imprevisto podem ser acolhidos. Os velhos mapas disciplinares que delimitam maneiras de pensar de agir e de se relacionar podem ser compartilhados revistos e retraçados de forma a possibilitar que o real se expresse em sua complexidade e movimento.

As representações do real, produzidas pela Ciência Moderna apresentam um mundo recortado, até mesmo rasgado e dilacerado. Um conhecimento capaz de tecer e de explicitar as relações que compõem o real é requisitado no mundo contemporâneo. A Interdisciplinaridade emerge como uma possibilidade de conhecer que requer aberturas, encontros e diálogos possíveis a partir de uma lógica que une e relaciona.

Nessa perspectiva, a Interdisciplinaridade traduz-se em um conhecimento de fronteira, produzido nas bordas, nas brechas, fruto de intercâmbios entre diferentes que se aproximam e necessitam reinventar formas de se relacionar para criar e comprometer-se com maneiras mais adequadas de estar na “vida viva”.

## **Referências**

BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

FAZENDA, I. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade e ideologia**. São Paulo: Loyola, 1979.

\_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papyrus, 1994.

\_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

- FOUREZ, G. Fondements épistémologiques pour l'interdisciplinarité. In (Org.) LENOIR, REY, B. FAZENDA, I. **Les fondements de l'interdisciplinarité dans la formation à l'enseignement**. Sherbrooke: Éditions du CRP, 2001
- FURLANETTO, E. C. A prática interdisciplinar. **Educação e formação**. Revista do Congresso de Educação Continuada – Pólo: 7 PEC-UNITAU. Taubaté : s/n:37-40, dez, 1998.
- \_\_\_\_\_. Fronteira. In (Org.) FAZENDA, I. **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**, São Paulo: Cortez, 2001.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- LENOIR, Y L' interdisciplinaire dans la formation à l'enseignement: des lectures distinctes en fonction de cultures distinctes. In (Org.) LENOIR, Y, REY, B. FAZENDA, I. **Les fondements de l'interdisciplinarité dans la formation à l'enseignement**. Sherbrooke: Éditions du CRP, 2001.
- \_\_\_\_\_. L'interdisciplinarité et l'intégration: spécialités et complémentarités. Liège: Conférence, Département d'éducation, faculté de psychologie et des sciences de l'éducation. Université de Liège, 2004, <http://www.usherbrooke.ca/crie>. Consultado em 25 de outubro de 2006.
- LENOIR, Y., GEOFFROY, Y, HASNI, A. Entre le “trou noir” et la dispersion évanescence: quelle cohérence épistémologique pour l'interdisciplinarité? Un essai de classification des diferentes conceptions de l'interdisciplinarité. In (Orgs.) Lenoir, Rey, B. Fazenda, I. **Les fondements de l'interdisciplinarité dans la formation à l'enseignement**. Sherbrooke: Éditions du CRP, 2001.
- MORIN, E. Prefácio: coro de vozes. In (Org.) ALMEIDA, M. C. de, KNOBB, M, ALMEIDA, A. M. de. **Polifônicas idéias**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- POMBO, O. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. In **Linc em revista**, v.1, n.0, março, p.4-16, 2005, <http://www.liinc.ufrj.br/revista>. Consultado em 26 de novembro de 2008.
- SACHOT, M. L' interdisciplinaire entre disciplines et curriculum: retour sur un impense em matière de formation. In (Org.) LENOIR, Y, REY, B. FAZENDA, I. **Les fondements de l'interdisciplinarité dans la formation à l'enseignement**. Sherbrooke: Éditions du CRP, 2001.
- SACRISTÁN, J.G. **Educar e conviver na cultura global: as exigências da cidadania**. Porto Alegre: Artemed, 2002.
- SAIZ, M. E. América latina: nuevos paradigmas, fronteras e intersticios simbólicos. In **Anales del I Congreso Latinoamericano de Psicología Junguiana: la identidad latinoamericana**. Punta del Este: Grafik-a Onetto, 2000.
- SANTOMÉ, J. T. **Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- SOMMERMAN, A. **Inter ou transdisciplinaridade?** São Paulo: Paulus, 2006.

Recebido para publicação em 03-01-11; aceito em 18-01-11